

DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E RELAÇÕES DE GÊNERO: AVANÇOS E DESAFIOS

Laura Suênia Felipe dos Santos¹

Erica Lopes Barbosa²

Efigênia Maria Dias Costa³

Fabricia Sousa Montenegro⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte dos resultados de uma pesquisa de iniciação científica vinculada ao projeto Universidade Pública e Relações de Gênero: o lugar ocupado pelas alunas e professoras da UFPB, que tem como premissa, a defesa da universidade pública e a democratização do acesso ao saber. No âmbito deste debate, o estudo de natureza qualitativa busca refletir sobre o ensino superior, as suas contradições, avanços e complexidades, com especial atenção para o espaço ocupado pelas mulheres na universidade, numa perspectiva de igualdade de gênero. Para isto, realizou-se um levantamento das publicações indexadas entre os anos 2003 e 2023, a partir dos descritores “Democratização da Universidade”; “Democratização da Universidade e Gênero”; “Mulheres na Ciência”. O processo de busca centrou-se na pesquisa por artigos científicos na base de dados bibliográficas ibero-americana, *Redalyc*. Como resultado dessa pesquisa, foram encontrados 117 artigos, considerando as três categorias. Identificou-se 16 artigos entre os anos 2003 e 2013 referentes à categoria democratização e universidade, e 32 artigos entre os anos 2014 e 2023. Sendo o ano de 2015, aquele com maior prevalência de publicações. Já a categoria democratização da universidade e gênero, identificou-se 32 artigos entre os anos 2003 e 2023, com destaque para o ano de 2021, com 4 publicações. Em relação a categoria mulheres na Ciência, identificou-se 37 artigos, sendo que o ano de 2021 é aquele com maior número de publicações, totalizando 8 artigos. Esse cuidadoso processo de busca das publicações e posterior análise dos dados evidenciou o reconhecimento pela comunidade acadêmica da importância da universidade pública para o desenvolvimento do país, bem como enfatizou a desigualdade de gênero na universidade e a invisibilidade do trabalho acadêmico realizado por mulheres no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, em tempos de crise e desconstrução desta relevante instituição educativa.

Palavras-chave: Estado da Arte, Universidade Pública, Relações de Gênero.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, laurasuenia58@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, erica.lopes@academico.ufpb.br;

³ Professora da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, efigeniamdc@yahoo.com.br;

⁴ Orientadora - Professora da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, fabriciamontenegro@yahoo.com.br;

INTRODUÇÃO

Sabe-se que na sociedade brasileira, até os anos de 1940 era atribuída à mulher a vocação invisível e natural para o ato do cuidar – educar as crianças, cuidar de outras pessoas e se dedicar à manutenção da vida –, o que, certamente, com raras exceções, direcionou-a para o exercício das profissões de professora, enfermeira e assistente social, pois estaria dando sequência ao papel para o qual foi designada socialmente (Passos, 2012). Ao mesmo tempo, essa atribuição contribuía para fortalecer a cultura patriarcal, que qualificou a mulher como fraca, forjando o mito do sexo frágil, e concorria, sobretudo, para mantê-la no espaço privado (Saffioti, 2011).

Assim, a ativação do ingresso das mulheres nas universidades se deu a partir dos movimentos sociais ocorridos na década de 1950 (Silva; Ribeiro, 2012). Desse modo, a ruptura do modelo de universidade como um espaço masculino ocorreu a partir de 1970. Barros e Mourão (2020) afirmam que, nos dias atuais, o contingente do universo feminino, em todos os níveis da educação superior, ultrapassou o masculino.

Embora percebam-se avanços e conquistas no campo acadêmico, as mulheres enfrentam inúmeras dificuldades para ascenderem nas suas carreiras, independente da nacionalidade e classe social (Lievore, 2020). Considerando que, apesar da crescente participação feminina nas atividades científicas do país, estas ainda não avançaram em cargos de liderança e posições de destaque e reconhecimento, testemunhando a desvantagem de atuar num sistema controlado majoritariamente por homens (Velho; León, 1998).

De acordo com Rossiter (1993), alguns fatores inviabilizam a ascensão profissional feminina, tais como: segregação hierárquica e segregação territorial. A primeira se refere a predominância masculina nos cargos de liderança, e a segunda concerne à centralização das mulheres nas chamadas ciências *soft*, enquanto as ciências ditas *hard*, são ocupadas maioritariamente por homens (Schiebinger, 2001). Ou seja, as mulheres estão bem representadas em áreas da ciência *soft*, como saúde e educação, mas são a minoria em áreas mais ligadas à produção de ciência e tecnologia, a exemplo das ciências exatas e engenharias (Guedes, 2008).

Ward; Wolf-Wendel (2017) apontam que existem muitas razões para a marginalização da mulher na ciência e que parte da culpa pode ser atribuída à necessidade de combinar trabalho e família. O estudo de Neale-Mcfall (2020) corrobora que as mulheres têm uma dupla carreira, em um ambiente acadêmico com poucas políticas que apoiam a combinação da maternidade e

trabalho acadêmico, sendo essas algumas das causas que acarretam a desigualdade de gênero no âmbito científico. Dessa forma, o presente estudo objetivou refletir sobre o ensino superior, as suas contradições, avanços e complexidades, com especial atenção para o espaço ocupado pelas mulheres na universidade, numa perspectiva de igualdade de gênero.

METODOLOGIA

Este estudo caracterizou-se por seu caráter bibliográfico e exploratório, de natureza qualitativa baseando-se em material já elaborado, constituído de artigos científicos. As estratégias de buscas foram baseadas na pesquisa pelos descritores “democratização da universidade”, “democratização da universidade e gênero” e “mulheres na ciência”, utilizando-se como fonte a base de dados ibero-americana *Redalyc*.

Para a investigação, delimitou-se uma condição temporal de artigos publicados nos últimos 20 anos, de 2003 a 2023, acerca dos descritores mencionados, o que possibilitou uma melhor estruturação do conhecimento a respeito do tema. Ao todo foram encontradas 117 produções científicas unindo as três categorias de busca.

Na primeira etapa do estudo foi realizada a definição dos descritores e/ou estratégias de buscas e da fonte de pesquisa. A seguir, houve a delimitação do período a ser estudado, logo após iniciou-se a consulta à base de dados supracitada, levantando as publicações de acordo com cada categoria.

Na segunda etapa houve a sistematização dos dados em tabelas no *Microsoft Word*, separando-os por categoria e ano de publicação, bem como a análise dos achados, no que diz respeito a inserção das mulheres no ensino superior, quanto a sua história, suas conquistas e seus desafios em busca da igualdade de gênero no contexto acadêmico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde os primórdios a participação das mulheres na ciência foi marcada por ausências e presenças. No início da Revolução Científica, muitas mulheres envolveram-se com atividades ditas científicas, tal como observando os céus através de telescópios, olhando através de microscópios, analisando plantas, insetos ou outros animais, juntamente com seus pais, irmãos, maridos ou filhos cientistas (Schiebinger, 2001).

Entretanto, Silva (2012) afirma que, com a institucionalização e profissionalização da ciência e a separação entre público e privado, com o desenvolvimento do capitalismo, a participação da mulher ficou mais restrita. Por muito tempo, com exceções, as mulheres não puderam desenvolver pesquisas nem mesmo como auxiliares, já que até recentemente eram impedidas de frequentar as instituições de ensino, pois a elas estava destinado assumir o cuidado da casa, dos filhos e do marido.

No Brasil, a educação das mulheres teve início nos séculos XVI e XVII nos conventos, onde aprendiam a ler, escrever e os cuidados domésticos. A educação não era igual para as meninas e os meninos, havia professores para os meninos e professoras para as meninas, e eles deveriam estudar em salas, ou até em turnos diferentes. Os meninos deveriam saber geometria, e as meninas, bordar e costurar (Urban, Morriesen e Frasson, 2020).

O mundo da ciência se estruturou historicamente em bases quase exclusivamente masculinas, ora excluindo as mulheres, ora negando as suas produções científicas, através de discursos e práticas nada neutros. Desse modo, é impossível falar sobre a presença das mulheres na Ciência sem falar sobre a história das mulheres (CONCEIÇÃO, 2019, p. 18).

No século XIX, persistiu a preocupação da sociedade com a ideia de manter a mulher no espaço privado, cuidando do lar, dos filhos e do marido. A intenção em educá-la não era para que pudesse exercer uma profissão, mas para torná-la apta a desempenhar sua função principal, o trabalho doméstico. Naquela época, o objetivo fundamental da educação feminina era preparar a mulher para se tornar uma boa esposa e uma boa mãe (Urban, Morriesen e Frasson, 2020).

Sabe-se que, no Brasil, as primeiras faculdades surgiram ainda no século XIX, mas só passaram a admitir mulheres ao universo acadêmico por volta do final do século XIX e início do século XX. Cabe ressaltar que as primeiras mulheres a terem acesso ao ensino superior eram de classe sociais elevadas (Schiebinger, 2001).

O processo de inserção feminina na educação superior ocorreu de forma lenta e tardia, por volta dos anos de 1970, marcada por muitas lutas e desafios, sendo o resultado de esforços dos movimentos sociais do país em busca de oportunidades mais equitativas em termos educacionais. Anos se passaram e nos dias atuais as mulheres vêm ocupando cada vez mais espaços no âmbito acadêmico, adentrando em lugares que antes eram predominantemente masculinos. Como afirma Guedes (2008), a concepção tradicional de que a universidade se constitui como um espaço masculino foi marcadamente rompida na década de 1970 e a presença das mulheres na universidade aumentou consideravelmente nos últimos anos.

Contudo, a igualdade de gênero ainda é o âmbito da luta constante das mulheres, luta essa, que já conquistou espaços e políticas em prol da equidade. Não obstante, as mulheres ainda enfrentam adversidades na pesquisa científica de maneira generalizada (Leta, et al. 2006). Segundo Tonini e Araújo (2019), há uma sub-representação feminina no sistema científico e tecnológico, o que indica um pequeno número de mulheres em determinadas áreas ou subáreas do conhecimento. Ou seja, as mulheres estão bem representadas em áreas da ciência *soft*, como saúde e educação, mas são a minoria em áreas mais ligadas à produção de ciência e tecnologia, a exemplo das ciências exatas e engenharias (Guedes, 2008).

Cantal e Pantoja (2019) afirmam que o número reduzido de mulheres que atuam nas áreas da Ciência e Tecnologia (C&T), mais particularmente nas ciências exatas, é resultado de um processo de exclusão socialmente construído ao longo dos séculos. Isto se dá devido à segregação territorial, aludida por Rossiter, que foi evidenciada na pesquisa de Larivière (2013), onde constatou que as áreas regidas por mulheres envolvem enfermagem, linguagem e audição, educação, trabalho social e biblioteconomia, enquanto que os homens dominam as ciências militares, engenharias, robótica, aeronáutica e astronáutica, física, matemática, ciência da computação e economia. Assim, com a propagação do machismo, as mulheres acabam sendo conduzidas de maneira sutil para áreas da ciência em que a concepção do feminino perdura (Etzkowitz; Kemelgor, 2001).

Para Rico (1996), as mulheres geralmente escolhem as carreiras que são verdadeiras extensões do seu papel social, tradicionalmente a elas atribuído, o que favorece e perpetua a desigualdade de gênero e a divisão sexual do trabalho, o que justifica a baixa participação femininas nas áreas de STEM que envolve Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática. Além disso, há também uma reduzida presença feminina nas posições de destaque e poder que compõem os cargos de liderança. Quanto mais se sobe na hierarquia do trabalho, menos representantes mulheres são encontradas (Carvalho Neto; Tanure; Andrade, 2010). Desse modo, a discrepância de gênero revelada na ocupação destas funções universitárias explicita a hegemonia masculina em cargos de chefia. Consequentemente, não há garantias de acesso, de oportunidade e de equidade à mulher, que assegurem efetivamente sua participação ativa nos cargos de liderança (Lievore, 2020).

Outro obstáculo que afeta as mulheres na academia diz respeito à discrepância na distribuição de bolsas de pesquisa pelas agências de fomento, como as bolsas de produtividade em pesquisa. A assimetria na distribuição desta modalidade de Bolsa, destinada a pesquisadores

considerados de elite (Picinin, 2014), confirma as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na ascensão da carreira acadêmica. De acordo com Silva (2012), nos níveis mais altos da bolsa de Produtividade em Pesquisa a maioria dos pesquisadores é do sexo masculino, inclusive nas áreas tidas como femininas, enquanto que nos níveis iniciais da carreira o número de mulheres é bem mais expressivo.

Evidencia-se também no que tange ao reconhecimento da pesquisa científica internacional, o baixo índice de cientistas mulheres que ganharam o Prêmio Nobel. Conforme Lievore (2020, p. 142) “dentre os 597 cientistas premiados nas diferentes áreas do conhecimento, apenas 53 foram mulheres”. A ínfima quantidade de mulheres premiadas com o Nobel está estreitamente ligada aos baixos índices de representação feminina nos cargos de alta gestão (Lievore, 2020). A nível nacional pode-se ter como exemplo o Prêmio Capes de Tese que, desde 2006, seleciona anualmente a melhor tese de doutorado por área de conhecimento, e que não diferente dos demais cenários, os homens obtêm o maior número de honrarias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta etapa da pesquisa houve a análise dos dados referentes às categorias de busca: “democratização da universidade”, “democratização da universidade e gênero” e “mulheres na ciência”. Foram encontradas 117 produções científicas equivalentes aos últimos 20 anos, que correspondem ao período de 2003 a 2023.

Categoria A) - Democratização da Universidade

Na presente categoria observou-se um amplo número de publicações, ao todo foram localizados 49 artigos devidamente publicados nos últimos 20 anos, sendo o período que compreende os anos de 2003 a 2013 com 16 artigos, e o período de 2014 a 2023 com 32 produções científicas a respeito da temática. Durante o processo de análise foi possível perceber um considerável aumento desses números a partir do ano de 2010, tendo o ano de 2015 como aquele que apresentou a maior concentração no quantitativo de publicações, com 09 artigos publicados, seguido do ano de 2017 com 07 publicações. As produções que envolvem essa categoria abordam os consideráveis avanços na democratização da universidade nos últimos tempos, e os desafios ainda existentes na luta para que seja assegurado um ensino superior público, gratuito, igualitário e de qualidade para todos os brasileiros.

Categoria B) - Democratização da Universidade e Gênero

A presente categoria traz a ampla discussão a respeito das questões que envolvem gênero nas instituições de ensino superior do país. Observou-se um razoável número de publicações vinculadas à referida categoria, ao total foram encontrados 32 artigos devidamente publicados nos últimos 20 anos, sendo o período que compreende os anos de 2003 a 2013 com 08 artigos, e o período de 2014 a 2023 com 24 produções científicas. No processo de análise dessa categoria foi notável o relevante aumento de publicações a partir do ano de 2014, sendo o ano de 2021 o destaque com a maior prevalência de produções, com 04 artigos. O processo de busca não foi consideravelmente simples, tendo em vista que, há muitas produções distintas que não possuem relação direta com a categoria supracitada. O que reforça a necessidade de ampliação das discussões acerca da universidade e igualdade de gênero, para que assim, haja a implementação de políticas públicas a fim de minimizar as discrepâncias nesta relevante instituição educativa.

Categoria C) - Mulheres na Ciência

A categoria “Mulheres na Ciência” apresentou um expressivo número de produções, onde identificou-se o total de 37 artigos vinculados ao tema. No que diz respeito ao período com maior prevalência de publicações, o ano de 2008 foi destaque na primeira fase do estudo (2003 a 2013) com 06 publicações. Já no período que compreende os anos de 2014 a 2023, foi evidenciado que o ano de 2021 apresentou a maior quantidade de produção científica com 08 artigos. Através das análises das publicações da presente categoria, foi possível conhecer a trajetória das mulheres na pesquisa científica desde os seus primórdios por volta do final do século XIX até os dias atuais. Os artigos retratam o processo de exclusão socialmente construído ao longo do tempo enfrentados pelas mulheres, o preconceito com aquelas que ousaram quebrando paradigmas, as conquistas advindas de muita luta e os inúmeros desafios cotidianos ainda vivenciados pelas mulheres cientistas na atualidade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cuidadoso processo de busca das publicações e posterior análise dos dados evidenciou o reconhecimento pela comunidade acadêmica da importância da universidade pública para o desenvolvimento do país, bem como enfatizou a desigualdade de gênero na universidade e a invisibilidade do trabalho acadêmico realizado por mulheres no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, em tempos de crise e desconstrução desta relevante instituição educativa.

REFERÊNCIAS

BARROS, S. V.; MOURÃO, L. **Trajatória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero.** Revista Psicologia em Estudo, vol. 25. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pe/v25/1807-0329-pe-25-e46325.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

CANTAL, Amanda.; PANTOJA, Glauco. **Mulheres no curso de Licenciatura Integrada em Matemática e Física da Universidade Federal do Oeste do Pará: mapeando trajetórias sob a perspectiva de gênero.** Gênero na Amazônia, Belém, n. 15, jan./jun.,2019.

CARVALHO NETO, Antonio Moreira de; TANURE, Betania; ANDRADE, Juliana. **Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 9, p. 1-23, 08 jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/raeel/a/rCHcJNkRPW4SYjh8WHSK6Ch/?format=pdf>. Acesso em: 09 dez. 2023.

CONCEIÇÃO, J. M. **Mulheres na ciência: diálogo entre as cientistas das academias pernambucanas de ciência agrônoma, medicina veterinária e química e as alunas desses cursos na UFRPE.** 2019. 160f. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ETZKOWITZ, Henry; KEMELGOR, Carol. Introdução: **Desigualdade de gênero em ciência: uma condição universal?** Minerva, v. 39, n. 2, p. 153-174, 2001.

GUEDES, Moema de C. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino.** História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 15, p. 117-132, 2008.

LETA, J., CARISEY, M., SÉCHET, P.; OHAYON, P. **As mulheres na pesquisa, no desenvolvimento tecnológico e na inovação: uma comparação Brasil/França.** Revista do Serviço Público, v. 57, n. 4, p. 531-548, 2006.

LIEVORE, Caroline.; LIEVORE, Maria Eduarda. **Presença feminina na pesquisa brasileira: A quebra de paradigmas.** Mulheres na pesquisa: reflexões sobre o protagonismo feminino na contemporaneidade/ [livro eletrônico] / Virgínia Ostroski Salles (Org.). Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. (Coleção Singularis, v.11) 363 p.; e-book PDF Interativo.

NEALE-MCFALL, Cheryl. Job Satisfaction, Enrichment, and Institutional Policy: Listening to Faculty Mothers. *Journal of Women and Gender in Higher Education*, v. 13, n. 1, p. 56-71, 2020.

PASSOS, E. S. **De anjos a mulheres – ideologias e valores na formação de enfermeiras**. Salvador: Edufba, 2012. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/mnhy2/pdf/passos-9788523211752.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2023.

PICININ, Claudia T. **A produção técnico-científica dos bolsistas de produtividade e professores dos Programas de Pós-graduação da área de Administração: uma análise da área no triênio 2010-2012**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade Positivo.

RICO, Maria Nieves. **Formación de los recursos humanos femeninos: prioridad del crecimiento y de la equidad**. Cepal. Serie Mujer y desarrollo, nº 15. Santiago de Chile, junio, 1996.

ROSSITER, Margaret W. **The Matthew Matilda effect in science**. *Social Studies of Science*, v. 23, n. 2, p. 325-341, 1993.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciências?** São Paulo, SP: EdUSC, 2001.

SILVA, F. F., RIBEIRO, P. R. C. **A inserção das mulheres na ciência: narrativas de mulheres cientistas sobre a escolha profissional**. *Linhas Críticas*, v. 18, n. 35, p. 171-191, 2012. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas. Acesso em: 27 nov. 2023.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Mulheres na ciência:: vozes, tempos, lugares e trajetórias**. 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

TONINI, Adriana Maria; ARAÚJO Mariana Tonini de. **A Participação das Mulheres nas Áreas de Stem (Science, Technology Engineering and Mathematics)**. *Revista de Ensino de Engenharia*, v. 38, n. 3, p. 118-125, 2019 – DOI: 10.37702/REE2236-0158.v38n3p118-125.2019

URBAN, Juliane Retko; MORRIESEN, Eliane Maria; FRASSON, Antonio Carlos. **Mulheres na ciência:: uma revisão sistemática**. In: SALLES, Virgínia Ostroski. **Mulheres na pesquisa::**



reflexões sobre o protagonismo feminino na contemporaneidade. 11. ed. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. Cap. 15. p. 1-363. Disponível em:

file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/bb2b8-ebook-mulheres-na-

pesquisa%20com%20marca%C3%A7%C3%A3o%204.pdf. Acesso em: 08 dez. 2023.

VELHO, L e LEÓN, E. “**A construção social da produção científica por mulheres**”. Cadernos Pagu 10, 1998, p. 309-344.

WARD, Kelly; WOLF-WENDEL, Lisa. **Mothering and professing: Critical choices and the academic career**. Journal About Women in Higher Education, v. 10, n. 3, p. 229-244, 2017.